

O VAMPIRO DE CURITIBA

DALTON TREVISAN

PROF. JORGE ALBERTO

1. RESUMO BIOGRÁFICO

Dalton Trevisan nasceu em Curitiba, Paraná, a 14 de junho de 1925. É reconhecido como um dos maiores mestres do conto. Esconde-se, entretanto, da fama: não dá entrevistas, não cede o telefone a ninguém, não recebe visitas e são raras as suas fotografias. Um sujeito arredo, misterioso, solitário.

Estreou em 1945 com o livro *Serenata ao luar* e, no ano seguinte, lançou *Sete anos de pastor*. Atualmente, renega ambos os livros. Ganhou o primeiro prêmio do 1º Concurso Nacional de Contos, realizado em Curitiba, com três trabalhos que, reunidos aos demais classificados naquele concurso, figuram no volume *Os 18 Melhores Contos do Brasil* (1968). Editou, entre 1946 e 1948, a revista *Joaquim*, onde colaborava gente como Carlos Drummond de Andrade, Antônio Cândido e Otto Maria Carpeaux, com ilustrações de Poty, Di Cavalcante e Heitor dos Prazeres.

Conquistou o grande público em 1959, com *Novelas nada exemplares*. Ganhou com o livro o Prêmio Jabuti e Prêmio Nacional do Livro, mas não foi recebê-lo; enviou representante. Dedicou-se quase que exclusivamente ao conto, escrevendo um único romance, *A Polaquinha*. Seu livro *A guerra conjugal* foi adaptado para o cinema em 1975. Teve várias de suas obras traduzidas para outros idiomas.

É autor de contos originalíssimos e antológicos ao longo de uma carreira de mais de 50 anos, marcada de prestígio incomum junto à crítica e aos leitores. Trabalhador incansável e fidelíssimo ao conto.

2. OBRA

- Novelas nada exemplares, 1959
- Morte na praça, 1964
- Cemitério de Elefantes, 1964
- **O Vampiro de Curitiba, 1965**
- Desastres do Amor, 1968
- Mistérios de Curitiba, 1968
- A Guerra Conjugal, 1969
- O rei da terra, 1972
- O Pássaro de Cinco Asas, 1974
- A faca no coração, 1975
- Abismo de rosas, 1976
- A trombeta do anjo vingador, 1977
- Crimes de paixão, 1978
- Virgem louca, loucos beijos, 1979
- Lincha Tarado, 1980
- Chorinho brejeiro, 1981
- Essas malditas mulheres, 1982
- Meu querido assassino, 1983
- Contos Eróticos (antologia, 1984)
- A Polaquinha (romance, 1985)
- Em Busca da Curitiba Perdida
- Pão e Sangue, 1988
- Pico na Veia, 2002
- Capitu sou eu, 2005

3. O VAMPIRO DE CURITIBA (1965)

O livro é a reunião de 15 contos que apresentam somente um fio condutor quanto aos aspectos temáticos, personagem, linguagem e o estilo. “Cada conto ou episódio é pungente na ironia, indiscreto nos detalhes psicológicos, perverso na imagística. *Nelsinho* triunfa como símbolo do desespero universal”. No contexto das histórias de Dalton Trevisan, ser mulher no Brasil é morar no inferno. Sedutora ou vítima são os únicos papéis a ela reservados. Se encontra prazer no sexo, ou ela é pecaminosa ou foi pelo homem arrastada a senti-lo, apesar de si mesma. Os homens brasileiros – encarnados em **Nelsinho, o “vampiro” curitibano** – não são melhores: odeiam e adoram a mulher, assim condenados a persegui-la sem descanso. É um mundo sórdido, sem solidariedade e sem esperança. A ironia começa com o diminutivo do nome da personagem.

O livro é composto dos **contos**:

1. O vampiro de Curitiba
2. Incidente na loja
3. Encontro com Elisa
4. Contos dos bosques de Curitiba
5. Último aviso

6. Visita à professora
7. Na pontinha da orelha
8. Eterna saudade
9. Arara bêbada
10. O herói perdido
11. Chapeuzinho vermelho
12. Debaixo da Ponte Preta
13. Menino caçando passarinho
14. As uvas
15. A noite da paixão

4. GELÉIA GERAL DO VAMPIRO

Dedicando-se apenas ao conto, explora fatos do mundo moderno (as misérias do cotidiano) também na linha intimista, em geral dando às suas histórias um desfecho aparentemente “no ar”, mas que permite ao leitor vivenciar e compreender o drama das personagens. Elas atormentam-se e destroem-se, perdidas entre os atos banais de uma existência vazia e medíocre.

Algumas histórias são repelentes, grotescas, pavorosas, marginais, provincianas, que perpassam os contos de modo surpreendente e experimental. O viés da eroticidade é o canal das intenções chocantes do autor. É a absurda manifestação de aspectos da cidade, de seus estreitos e confinados horizontes. Fazendo de Curitiba seu microcosmo, Dalton Trevisan consegue realizar em seus contos uma análise penetrante e amarga das relações humanas.

As suas curtas e irônicas histórias causam epifanias insólitas. São revelações em lampejo, momento, poucas linhas de diálogo na projeção artística desse microcosmo, que é Curitiba, revelada, desnudada em diretas e sutis narrativas. A galeria de personagens de Dalton percorre a camada média baixa da população de uma cidade em que os valores morais perderam-se completamente.

4.1. FOCO NARRATIVO

Apenas os contos “O Vampiro de Curitiba” e “O herói perdido” são narrados em **primeira pessoa**.

4.2. ESPAÇO/AMBIENTE

Quase todos os contos têm como cenário a cidade de Curitiba. O ambiente apresenta variações: praça, bosque, apartamentos, casas simples, quartos limpos ou imundos.

4.3. TEMPO

As narrativas apresentam ordem cronológica. Não há recorrência de tempo passado, como flashback ou outro truque narrativo em relação ao tempo. Os contos não apresentam uma ordem cronológica da idade do personagem Nelsinho. A idade dele é diferente nas histórias.

4.4. PERSONAGEM

Nelsinho é o protagonista dos contos. É o vampiro literário. Um curitibano que segue, persegue e assedia velhinhas, senhoras respeitáveis e carentes; virgens e prostitutas, agoniado e indeciso entre aquele que “molha o lábio com a ponta da língua para ficar mais excitante”, a viúva toda de preto com joelho “redondinho de curva mais doce que o pêssego maduro”, a casadinha que vai às compras e a normalista.

Nelsinho é um caçador implacável – por amor de todas as mulheres - um sedutor ávido, incorrigível, de reputação; de prestígio, auto-estima sexual. Segue a presa até a exaustão; quase sempre é bem sucedido. A interpretação para **vampiro** se reflete na dialética do perseguidor-perseguido, do devorador-devorado no jogo do desejo e da realização amorosa. O **vampiro** representa o apetite de viver o ato libidinoso, que renasce tão logo é saciado.

4.5. LINGUAGEM

A linguagem coloquial é predominante, com termos vulgares marcados de ironia e sarcasmo (*grande cadela*), às vezes usa o diminutivo para debochar e tirar proveito de situações (*casadinha, safadinha, taradinha, Nelsinho...*). O discurso direto é predominante, às vezes, fragmentado e aparentemente sem nexos.

A frase incompleta deixa o leitor mais aguçado. A intertextualidade recorrente é a metáfora da *Arara bêbada*, mas é explicável o apelo religioso no jogo da sedução.

5. ANTOLOGIA

O VAMPIRO DE CURITIBA

Ai, me dá vontade até de morrer. Veja, a boquinha dela está pedindo beijo – beijo de virgem é mordida de bicho-cabeludo. Você grita vinte e quatro horas e desmaia feliz. É uma que molha o lábio com a ponta da língua para ficar mais excitante. Por que Deus fez da mulher o suspiro do moço e o sumidouro do velho? Não é justo para um pecador como eu. Ai, eu morro só de olhar para ela, imagine então se. Não imagine, arara bêbada. São onze da manhã, não sobrevivo até à noite. Se fosse me chegando, quem não quer nada.– ai, querida, é uma folha seca ao vento – e encostasse bem devagar na safadinha. Acho que morria: fecho os olhos e me derreto de gozo. Não quero do mundo mais que duas ou três só para mim. Aqui diante dela, pode que se encante com o meu bigodinho. Desgraçada! Fez que não me enxergou: eis uma borboleta acima de minha cabecinha doida. Olha através de mim e lê o cartaz de cinema no muro. Sou eu nuvem ou folha seca ao vento? Maldita feiticeira, queimá-la viva, em fogo lento. Piedade não tem no coração negro de ameixa. Não sabe o que é gemer de amor. Bom seria pendurá-la cabeça para baixo, esvaída em sangue.

Se não quer, por que exhibe as graças em vez de esconder? Hei de chupar a carótida de uma por uma. Até lá enxugo os meus conhaques. Por causa de uma cadelinha como essa que aí vai rebolando-se inteira. Quietos no meu canto, ela que começou. Ninguém diga sou taradinho. No fundo de cada filho de família dorme um vampiro – não sintam gosto de sangue. Eunuco, ai quem me dera. Castrado aos cinco anos. Morda a língua, desgraçado. Um anjo pode dizer amém! Muito sofredor ver moça bonita – e são tantas. Perdoe a indiscrição, querida, deixa o recheio do sonho para as formigas? Ó, você permite, minha flor? Só um pouquinho, um beijinho só. Mais um, só mais um. Outro mais. Não vai doer, se doer eu caia duro a seus pés. Por Deus do céu não lhe faça mal – nome de guerra é Nelsinho, o Delicado.

Olhos velados que suplica e fogem ao surpreender no óculo o lampejo do crime? Com elas usar de agradinho e doçura. Ser gentilíssimo. A impaciência é que me perde, a quantas afugentei com gesto precipitado? Culpa minha não é. Elas fizeram o que sou – oco de pau podre, onde floresce aranha, cobra, escorpião. Sempre se enfeitando, se pintando, se adorando no espelhinho da bolsa. Se não é para deixar assanhado um pobre cristão por que é então? Olhe as filhas da cidade, como elas crescem: não trabalham nem fiam, bem que estão gordinhas. Essa é uma das lascivas que gostam de se coçar. Ouça o risco da unha na meia de seda. Que me arranhasse o corpo inteiro, vertendo sangue do peito. Aqui jaz Nelsinho, o que se finou de ataque. Gênio do espelho, existe em Curitiba alguém mais aflito que eu?

Não olhe, infeliz! Não olhe que você está perdido. É das tais que se divertem a seduzir o adolescente. Toda de preto, meia preta, upa lá lá. Órfã ou viúva? Marido enterrado, o véu esconde as espinhas que, noite para o dia, irrompem no rosto – o sarampo da viuvez em flor. Furiosa, recolhe o leiteiro e o padeiro. Muita noite revolve-se na cama de casal, abana-se com leque recendendo a valeriana. Outra, com a roupa da cozinheira, à caça de soldado pela rua. Ela está de preto, a quarentena do nojo. Repare na saia curta, distrai-se a repuxá-la no joelho. Ah, o joelho... Redondinho de curva mais doce que o pêssego maduro. Ai, ser a liga roxa que aperta a coxa fosforescente de brancura. Ai, o sapato que machuca o pé. E, sapato, ser esmagado pela dona do pezinho e morrer gemendo. Como um gato!

Veja, parou um carro. Ela vai descer. Colocar-me em posição. Ai, querida, não faça isso: eu vi tudo. Disfarce, vem o marido, raça de cornudo. Atrai o pobre rapaz que se deite com a mulher. Contenta-se em espiar ao lado da cama – acho que ficaria inibido. No fundo, herói de bons sentimentos. Aquele tipo do bar, aconteceu com ele. Esse aí um dos tais? Puxa, que olhar feroz. Alguns preferem é o rapaz, seria capaz de? Deus me livre, beijar outro homem, ainda mais de bigode e catinga de cigarro? Na pontinha da língua a mulher filtra o mel que embebeda o colibri e enraivece o vampiro.

Cedo a casadinha vai às compras. Ah, pintada de ouro, vestida de pluma, pena e arminho – rasgando com os dentes, deixá-la com os cabelos do corpo. Ó bracinho nu e rechonchudo – se não quer por que mostra em vez de esconder: –, Com uma agulha desenho tatuagem obscena. Tem piedade, Senhor, são tantas, eu tão sozinho.

Ali vai uma normalista. Uma das tais disfarçada? Se eu desse com o famoso bordel. Todas de azul e branco – ó mãe do céu! – desfilando com meia preta e liga roxa no salão de espelhos. Não faça isso, querida, entro em levitação: a força dos vinte anos. Olhe, suspenso nove centímetros do chão, desferia vôo não fora o lastro da pombinha do amor. Meu Deus, fique velho depressa. Feche o olho, conte um, dois, três

e, ao abri-lo, ancião de barba branca. Não se iluda, arara bêbada. Nem o patriarca merece confiança, logo mais com a ducha fria, a cantárida, o anel mágico – conheci cada pai de família!

Atropelado por um carro, se a polícia achasse no bolso esta coleção de retratos? Linchado como tarado, a vergonha da cidade. Meu padrinho nunca perdoaria: o menino que marcava com miolo de pão a trilha na floresta. Ora uma foto na revista do dentista. Ora na carta a uma viuvinha de sétimo dia. Imagine o susto, a vergonha fingida, as horas de delírio na alcova – à palavra alcova um nó na garganta.

Toda família tem uma virgem abrasada no quarto. Não me engana, a safadinha: banho de assento, três ladainhas e vai para a janela, olho arregalado no primeiro varão. Lá envelhece, cotovelo na almofada, a solteirona na sua tina de formol.

Por que a mão no bolso, querida? Mão cabeluda do lobisomem. Não olhe agora. Cara feia, está perdido. Tarde demais, já vi a loira: milharal ondulante ao peso das espigas maduras. Oxigenada, a sobancelha preta – como não roer unha? Por ti serei maior que o motociclista do Globo da Morte. Deixa estar, quer bonito de bigodinho. Ora, bigodinho eu tenho. Não sou bonito, mas sou simpático, isso não vale nada? Uma vergonha na minha idade. Lá vou eu atrás dela, quando menino era a bandinha do Tiro rio Branco.

Desdenhosa, o passo resolutivo espirra fásca das pedras. A própria égua de Átila – onde pisa, a grama já não cresce. No braço não sente a baba do meu olho? Se existe força do pensamento, na nuca os sete beijos da paixão.

Vai longe. Não cheirou na rosa a cinza do coração de andorinha. A loira, tonta, abandona-se na mesma hora. Ó morcego, ó andorinha, ó mosca! Mãe do céu, até as moscas instrumento do prazer – de quantas arranquei as asas? Brado aos céus: como não ter espinha na cara?

Eu vos desprezo, virgens cruéis. A todas poderia desfrutar – nem uma baixou sobre mim o olho estrábico de luxúria. Ah, eu bode imundo e chifrudo, rastejariam e beijavam a cola peluda. Tão bom, só posso morrer. Calma, rapaz: admirando as pirâmides marchadoras de Quéops, Quéfren e Miquerinos, quem se importa com o sangue dos escravos? Me acuda, ó Deus. Não a vergonha, Senhor, chorar no meio da rua. Pobre rapaz na danação dos vinte anos. Carregar vidro de sanguessugas e, na hora do perigo, pregá-las na nuca?

Se o cego não vê a fumaça e não fuma, ó Deus, enterra-me no olho a tua agulha de fogo. Não mais cão sarnento atormentado pelas pulgas, que dá voltas para morder o rabo. Em despedida – ó curvas, ó delícias – concede-me a mulherinha que aí vai. Em troca da última fêmea pulo no braseiro – os pés em carne viva. Ai, vontade de morrer até. A boquinha dela pedindo beijo – beijo de virgem é mordida de bicho-cabeludo. Você grita vinte quatro horas e desmaia feliz.

CONTOS DOS BOSQUES DE CURITIBA

Nelsinho encostou a porta, encurralada a moça no canto:

– É hoje.

Roçou a sombra do lábio, a espinha na asa do nariz. Ela voltou-lhe a face: beijou-a ferozmente na boca.

Fechou a porta, empurrando-a com o pé. Certa que iriam ficar nos toques e blandícias, pendurou-se ao seu pescoço. Pousou a mão no peitinho, ela se encolheu: vergonha do seio pequeno? Era dona experiente, sem provocá-la não conseguia nada:

– Duvido seja carne – é borracha!

– Não faça isso. Vem gente. – Suspirosa, pesando cada vez mais no seu ombro. – Se vem gente?

O herói estendeu a mão, deu volta à chave:

– Vem não.

Arquejante, estalou os dois colchetes, ergueu-lhe a blusa. Ela que baixou o sutiã. Surgiram dois bocados cor-de-rosa:

– Nunca vi coisinha mais linda!

Ai, mãezinha do céu, aquilo sim era seio – dois de uma vez, sem mentira. Se apertasse o biquinho espirrava leite?

Brasão de família, ela confidenciou que o da mãe era mais bonito.

– Depressa. Vem gente.

Risinho abafado, queixou-se de cócega.

– Que maravilha – a mão cheia, ele sopesava o fruto. – Ó perfeição da natureza!

Ares de distraída, olho ausente no teto:

– Sou nervosa. Hoje estou fria.

– Como é que você gosta?

– Sem inspiração eu não posso.

– Ah, é...

Beijava-a raivoso, lábio inchado de mordida. Ela titilou a língua no céu da boca. O herói, sem sair do lugar, descreveu duplo salto mortal.

Deslizou a mão no joelho, debaixo da saia cinza. Magra, usava anágua. Assustadiça, arregalou o olho:

– Não. Não. Aqui não.

– Seja boba.

Conversinha em sussurro, na ânsia louca do mais cobiçado prêmio da terra.

– Querido, pode vir alguém.

Na última resistência, vencida pela surpresa. Levantou-lhe a anágua e viu – o que ele viu? Babados, brincos e rendas da ilha da Madeira.

– Ai, você me machuca.

Da vacina contra varíola, queixou-se de íngua no braço.

– Já faço benzedura de íngua.

A bela soltou o botão da saia e correu o fecho. Agora de blusa e anágua. Sem blusa. Sem anágua, desfeita aos pés. Magrinha e branca, dava pena – deitou-a no sofá de couro vermelho.

– Espere, meu bem.

Ela derrubou o sapato, raspando na beirada o calcanhar. De joelho no tapete, Nelsinho babujou-lhe o seio.

– Me olhe. Abra o olho.

Toda trêmula, escondeu o rosto no seu ombro:

– Sinto vergonha.

Gemido abafado de terror:

– Tenha pena de mim!

– Juro que . . .

Quem me dera um espelho, uma almofada, um anel mágico.

– . . . não faço mal.

Sem inspiração, a bela enterrou-lhe a unha no pescoço:

– Me beije. Ai, meu amor – e rilhando com fúria os dentes. – Ai, me beije.